



MAISEY YATES
Uma aristocrata no deserto

MICHELLE CONDER
Escondida no harém

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2020 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
N.º 61 - dezembro 2020

© 2015 Maisey Yates
Uma aristocrata no deserto
Título original: Bound to the Warrior King
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2015 Michelle Conder
Escondida no harém
Título original: Hidden in the Sheikh's Harem
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português em 2017 e 2016

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os
de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança
com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais),
acontecimentos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de
Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais,
utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes
y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises
Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1375-280-8

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

Créditos

Uma aristocrata no deserto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Escondida no harém

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Epílogo

Se gostou deste livro...

Uma aristocrata no deserto

XEQUES

MAISEY YATES

Uma aristocrata no deserto



Capítulo 1

O príncipe Zachim Bakr Al-Darkhan tentou não bater com porta ao sair dos aposentos que o seu meio-irmão ocupava durante a sua breve visita. Nadir recusava-se com teimosia a ocupar o seu lugar no trono de Bakaan. E isso deixava Zachim numa posição muito delicada.

- Está tudo bem, Alteza?

Bolas! Estivera tão preocupado que não vira o velho empregado que o servira desde criança e, naquele momento, esperava por ele por baixo de um dos arcos do corredor do palácio.

Não. Nada estava bem. Com cada dia que passava sem ter um governante, o povo ficava cada vez mais agitado. O pai morrera há duas semanas, mas já havia rumores de que algumas tribos insurgentes estavam a reagrupar-se para atacar.

Como a tribo de Al-Hajjar. No passado, as suas famílias tinham pertencido a dinastias rivais até, há dois séculos, os Darkhan terem vencido os Hajjar numa guerra brutal e, com isso, terem criado ressentimentos difíceis de apagar com o tempo. Mas Zachim sabia que o atual líder da tribo, Mohamed Hajjar, odiava o pai, não só pela história passada, mas também porque o culpava pela morte da esposa grávida há dez anos.

A verdade era que o pai fora um tirano cruel que governara sob um império de terror e se vingara sem piedade quando não alcançava o que queria. Como

resultado, Bakaan era um reino perdido na escuridão e no passado, tanto no que dizia respeito às suas leis como em relação às infraestruturas. Ia ser um desafio enorme trazê-lo para o século XXI.

Nadir estava mais bem qualificado do que ele para esse desafio. Não só porque tinha um grande talento para a política, mas porque era o primogénito. Se o irmão ocupasse o trono, Zachim poderia dedicar-se ao que fazia melhor, alimentar e gerir a mudança com o povo.

Já começara a fazê-lo depois de a mãe lhe ter rogado para ir ao palácio há cinco anos, quando Bakaan estivera à beira de uma guerra civil. As revoltas tinham sido encorajadas por uma das tribos da montanha, onde alguém publicara uma proclamação a detalhar todos os fracassos do rei e a incitar a mudança. A maioria das acusações contra o pai tinham sido certas, embora Zachim tivesse cumprido com o seu dever e tivesse acalmado os ânimos populares. Depois, preocupado com o estado em que o país se encontrava, deixara de lado o seu estilo de vida ocidental e ficara para mitigar os danos que o pai, cada vez mais narcisista e paranoico, causara ao povo. A morte chegara ao rei antes de ter mudado de ideias, o que fazia com que o filho se sentisse vazio por dentro. Por isso e porque o velho monarca nunca o considerara mais do que um possível sucessor ao trono.

- Alteza?

- Lamento, Staph - desculpou-se Zachim, afastando as lembranças, e começou a dirigir-se para a sua ala privada do palácio, enquanto o empregado acelerava o passo para o seguir. - Não, nada está bem. O meu irmão é muito teimoso.

- Não quer regressar a Bakaan?

Não. Zachim sabia que Nadir tinha boas razões para se recusar, mas também sabia que o irmão nascera para ser

rei e que, se conseguisse superar o ressentimento, gostaria do trabalho de governar o seu pequeno reino.

Percebendo que Staph mal conseguia segui-lo, Zachim diminuiu o ritmo.

- Agora, tem outras coisas em que pensar.

Nadir acabara de descobrir que tinha uma filha e estava decidido a casar-se com a mãe. Zachim surpreendera-se muito, pois o irmão nunca acreditara no amor, nem no casamento. Ele, pelo contrário, sempre desejara ter uma família para a tratar muito melhor do que o pai os tratara.

De facto, estivera prestes a pedir a mão de uma mulher uma vez, antes de o terem chamado para o país. Amy Anderson tinha todos os requisitos que procurava numa mulher. Era sofisticada, educada e loira. O seu noivado decorrera sem complicações, embora algo tivesse feito com que Zachim repensasse as coisas. Nadir não o ajudara muito, quando o acusara de sempre ter escolhido as mulheres erradas.

Zachim despediu-se de Staph e entrou nos seus aposentos. Tirou a roupa a caminho do duche, lavou-se com a água a arder e deitou-se na cama. Combinara encontrar-se com o irmão à hora do almoço do dia seguinte, para que pudesse abdicar diante do conselho. No entanto, esperava que Nadir recuperasse a prudência antes disso.

Quando o som de uma mensagem vibrou no seu telemóvel, tirou-o imediatamente da mesa de cabeceira, agradecido por poder distrair os seus pensamentos. Era o seu bom amigo Damian Masters, com quem costumava fazer corridas de lanchas.

«Tens um convite para uma festa privada no teu correio eletrónico. Ibiza. Dei o teu endereço privado à princesa Barbie. Espero que não te importes. D.»

Ena, ena! Zachim não acreditava no destino e nos sinais, mas estivera a pensar em Amy, a princesa Barbie, como os amigos costumavam chamar-lhe. E ali estava.

Quando abriu o correio eletrónico, lá estava a mensagem em questão.

«Olá, Zachim, sou Amy.

Há muito tempo que não falamos. Disseram-me que vais à festa de Damian em Ibiza. Espero ver-te. Poderemos conversar?

Beijos,
Amy.»

Um sorriso malicioso desenhou-se no rosto do príncipe. Pelo tom da sua mensagem e pelos beijos da despedida, intuiu que talvez quisesse fazer mais do que conversar. Mas o que queria?

Pensativo, entrelaçou as mãos atrás da cabeça. Talvez não tivesse pensado muito nela nos últimos cinco anos, mas o que importava? Gostaria de verificar o que sentia ao vê-la outra vez. Assim, saberia se podia continuar a considerá-la uma candidata para ser a mãe dos futuros filhos.

Sem prestar muita atenção, enviou uma resposta curta, indicando que, se fosse à festa, falariam. No entanto, em vez de se sentir melhor, sentiu-se pior.

Cansado dos pensamentos sombrios que ameaçavam não o deixar dormir, levantou-se, vestiu as calças de ganga e uma *t-shirt* e dirigiu-se para a garagem do palácio. Entrou no todo-o-terreno e, depois de se despedir dos guardas, dirigiu-se para o deserto vasto e silencioso que rodeava a cidade. Sem pensar e deixando-se guiar pelo seu ânimo inquieto, saiu da estrada e levou o carro pelas dunas, iluminadas pela lua cheia.

Duas horas depois, atirou o bidão vazio de combustível para o banco de trás e praguejou em voz alta. Não se apercebera do tempo que passara ao volante nem de como

se afastara. E ficara preso no meio do deserto sem gasolina e sem rede no telemóvel.

Sem dúvida, o pai teria chamado a sua impulsividade de arrogância. Para ele, fora apenas uma estupidez. Não devia ter entrado no deserto dessa maneira.

Bolas!

Naquele momento, ouviu movimento atrás dele e, quando se virou, viu que vários homens montados a cavalo apareciam no horizonte. Estavam vestidos de preto, com os rostos cobertos pelos *keffiehs* tradicionais para impedir que a areia lhes entrasse no nariz e nos olhos. Assim, era impossível saber se eram amigos ou inimigos.

Em poucos minutos, quando cerca de vinte estranhos estavam à frente dele, quietos e sem falar, Zachim adivinhou que deviam ser inimigos.

Devagar, observou cada um deles. Talvez conseguisse acabar com dez, dado que tinha uma pistola e uma espada. Embora talvez fosse melhor tentar ser diplomático primeiro.

- Suponho que nenhum de vocês tenha um bidão de gasolina, pois não?

O som de movimento numa das selas de couro fez com que Zachim fixasse a atenção no homem que estava no centro do grupo, que devia ser o líder.

- És o príncipe Zachim Al-Darkhan, orgulho do deserto e herdeiro ao trono, não é assim?

Bom, o pai não estaria muito de acordo com o título «orgulho do deserto» e também não era o herdeiro direto, mas Zachim pensou que não era o momento ideal para pensar nos detalhes.

- Sou.

- Ena, que coincidência - declarou o estranho, que olhava para ele fixamente com uns olhos cor de ónix.

Levantara-se um pouco de vento, mas a noite continuava limpa e, no céu, brilhava a lua cheia que o impulsionara a

queimar a sua frustração com um dos seus passatempos favoritos.

O chefe do grupo dirigiu-se a um dos seus homens. Desmontou devagar e aproximou-se, até parar à frente de Zachim com uma postura desafiante. Ele manteve a expressão impassível, pensando que, se iam lutar com ele um a um, sairia a ganhar.

Então, os outros dezoito desmontaram também.

Muito bem, aquilo já era demasiado. Era uma pena que as suas armas estivessem no carro.

Farah Hajjar acordou, de repente, a meio da noite. Nunca dormia bem com a lua cheia. Era como um mau presságio para ela. A mãe morrera numa noite de lua cheia. Não conseguira adormecer naquela noite e chorara até ficar sem forças. Já não tinha doze anos, mas não o superara. Tal como não vencera o seu medo dos escorpiões... Algo difícil quando se vivia num deserto onde havia escorpiões às centenas.

Levantou-se na cama e, ao longe, ouviu um cavalo a relinchar.

Interrogou-se se o pai estaria de regresso de uma das suas reuniões de uma semana para discutir o futuro do país. Depois da morte do horrível rei Hassan, era da única coisa que falava. Disso e do seu temor de que o príncipe déspota Zachim governasse como o pai. O príncipe tivera uma vida de conto de fadas antes de voltar a Bakaan há cinco anos, se o que as revistas cor-de-rosa que ela lia contavam fosse verdade. Por isso, suspeitava que o pai tinha razão sobre o herdeiro ao trono. E isso seria mau para o povo.

Bocejando, ouviu o galope de mais cavalos e questionou-se o que estaria a acontecer. Se o pai tivesse de se ausentar mais um dia ou dois, era quase melhor. A verdade era que, por muito que ela tentasse, nunca conseguia agradá-lo.

Para ele, as mulheres só serviam para tecer e ter filhos. De facto, casara-se pela segunda vez com a intenção de ter um filho varão e repudiara a esposa quando não o conseguira.

O pai não entendia o desejo de independência de Farah e ela não compreendia porque é que ele não aceitava que também tinha cérebro e sabia como usá-lo. Para cúmulo, estava decidido a casá-la, algo que ela não queria. Na sua opinião, havia dois tipos de homens no mundo: os que tratavam bem as esposas e os que não. Mas nenhum deles apoiaria a independência total da esposa, nem a sua felicidade.

Farah sabia que o pai agia guiado pela crença de que as mulheres precisavam da proteção de um homem. E ela ficara sem recursos para lhe demonstrar o seu erro.

Com um suspiro, virou-se para o outro lado, recordando como o amigo da infância pedira permissão para a cortejar. Amir era o braço direito do pai, por isso pensava que era o melhor partido para a filha. Infelizmente, Amir era igualmente machista e ela não queria casar-se com ele.

Como castigo, o pai proibira-a de receber mais revistas ocidentais, pois culpava-as das suas ideias loucas. A verdade era que Farah só queria ser diferente. Queria fazer mais do que trazer material educativo de contrabando para a aldeia. Queria mudar a situação das mulheres em Bakaan e defender os seus direitos. E sabia que não teria nenhuma possibilidade de o conseguir se se casasse.

O mais provável era que não tivesse nenhuma oportunidade em qualquer caso, mas isso não a impedia de tentar e, de vez em quando, ultrapassar os limites que o pai marcava.

Frustrada e irritada, pressentindo que algo terrível estava prestes a acontecer, acomodou-se na almofada e perdeu-se num sono inquieto e pouco reparador.

Uma sensação de inquietação acompanhou-a durante os dias seguintes, até a amiga chegar a correr até ela quando estava a limpar a manjedoura dos camelos e tudo piorar.

- Farah! Farah!

- Calma, Lila - tranquilizou-a Farah, deixando a pá de lado. - O que aconteceu?

Lila tentou recuperar o fôlego.

- Não vais acreditar, mas Jarad acabou de voltar do acampamento secreto do teu pai e... - começou a jovem e baixou o tom de voz, embora não houvesse mais ninguém por ali, para além dos camelos. - Diz que o teu pai sequestrou o príncipe de Bakaan.

Capítulo 2

Sentindo-se culpada por ter estado a desfrutar da ausência do pai, Farah correu para os estábulos e montou o cavalo branco. Se o que Lila dizia era verdade, o pai podia enfrentar a pena de morte por essa temeridade.

Como se conseguisse perceber o seu desassossego, o *Raio de Lua* relinchou e levantou a cabeça.

- Calma - tranquilizou-o Farah, embora precisasse mais de se acalmar do que o cavalo. - Corre como o vento. Tenho um mau pressentimento.

Pouco depois, entrou no acampamento secreto, desmontou e entregou o cavalo a um dos guardas para que lhe desse água. Estava a escurecer e, nas tendas, estavam a fazer-se os preparativos para passar a noite. De um dos lados do acampamento estava o deserto e, do outro, as montanhas, banhadas pelos últimos raios do entardecer.

No entanto, naquele dia, não tinha tempo para se deleitar com a sua beleza, pensou Farah. Estava muito nervosa, rezando para que Lila se tivesse enganado.

- O que estás a fazer aqui? - perguntou Amir, num tom seco e com o rosto tenso, ao vê-la a aproximar-se da tenda do pai.

- E tu? - replicou ela, cruzando os braços num gesto desafiante. Não estava disposta a deixar-se intimidar pelo seu antigo amigo da infância.

- Isso não é um assunto teu.

- Se o que me disseram é verdade, é - contradisse ela e respirou fundo. - Por favor, diz-me que não é verdade.

- A guerra é coisa de homens, Farah.

- Guerra? - repetiu ela e praguejou como um homem teria feito, enfrentando o olhar de desaprovação de Amir. - Portanto, é verdade - sussurrou. - O príncipe de Bakaan está aqui?

Amir cerrou os dentes.

- O teu pai está ocupado.

- Está lá dentro?

Farah referira-se ao príncipe, mas ele não entendeu.

- Não pode ver-te agora. As coisas são... Delicadas.

Uma forma muito subtil de o descrever, pensou ela. A tensão podia sentir-se no acampamento.

- Como aconteceu? Sabes que o meu pai é um homem velho e amargurado. Era a tua responsabilidade cuidar dele.

- Continua a ser o chefe de Al-Hajjar.

- Sim, mas...

- Farah? És tu? - chamou o pai, da tenda.

Ela sentiu um nó no estômago. Por muito machista e autoritário que fosse, era a única pessoa que tinha no mundo e amava-o.

- Sim, pai - confirmou Farah e, passando à frente de Amir, entrou na tenda.

O espaço estava iluminado com candeeiros a óleo, dividido por uma zona para comer e outra para dormir, com uma cama ampla e um círculo de almofadas. Vários tapetes cobriam o chão para o isolar do frio da noite.

O pai parecia cansado. Os restos do jantar ainda estavam na mesa.

- O que estás a fazer aqui, menina? - perguntou ele, com o sobrolho franzido. As mulheres não eram bem-vindas no santuário privado do chefe da tribo.

Farah conteve-se para não responder que só queria cuidar dele. A sua relação nunca fora muito afetuosa.

- Ouvi dizer que sequestraste o príncipe de Bakaan - indicou, rezando para que não fosse verdade.

O pai esfregou a barba branca, um gesto que significava que estava a pensar se devia responder ou não.

- Quem te disse isso?

- É verdade, então? - perguntou ela, sentindo-se embargada pela preocupação.

- A notícia não pode espalhar-se. Amir, encarrega-te disso.

- É óbvio.

Farah não se apercebera de que Amir a seguira para dentro. Virou-se para ele e, ao prestar mais atenção, apercebeu-se de que tinha um olho arroxado.

- Como aconteceu isso?

- O que importa?

Farah interrogou-se se fora o príncipe que lhe dera um murro, mas não indagou mais.

- Mas porquê? Como?

Amir deu um passo à frente com o rosto tenso.

- O arrogante príncipe Zachim pensou que podia atravessar as dunas com o carro a meio da noite sem ter nenhuma reserva de combustível.

- E? - inquiriu Farah, olhando para o pai.

- E capturámo-lo.

Ela pigarreou, tentando não pensar o pior.

- Porque fizeram isso?

- Porque não queremos que outro Darkhan tome o poder e ele é o herdeiro.

- Pensei que o irmão mais velho era o herdeiro.

- O miserável Nadir vive na Europa e não quer ter nada a ver com Bakaan - indicou Amir.

- Isso não vem ao caso - replicou ela, abanando a cabeça.

- Não podem... sequestrar um príncipe sem mais nem menos!

- Quando se souber que o príncipe Zachim já não está disponível, o país desestabilizar-se-á ainda mais e ficaremos

com o poder que sempre nos pertenceu por direito próprio.

- Pai, as guerras tribais de que falas acabaram há centenas de anos. Eles ganharam. Não achas que está na hora de deixar o passado para trás?

- Não, não me parece. A tribo de Al-Hajjar nunca reconhecerá o poder dos Darkhan e não consigo acreditar que a minha própria filha me fale assim. Sabes muito bem o que me arrebataram.

Farah suspirou. Sim, o rei recusara-se a abastecer as regiões contíguas a Bakaan com provisões médicas, entre outras coisas. Por isso, ninguém pudera salvar a vida da sua mãe grávida, o tesouro mais querido do pai. Ela nunca bastara para acalmar a sua dor.

O pai continuou a enumerar tudo o resto que os Darkhan lhe tinham roubado: terra, privilégios, liberdade. Eram as mesmas histórias que ouvia desde pequena. E, na verdade, estava de acordo com a maioria das suas acusações. O falecido rei de Bakaan fora um tirano egoísta que nunca se preocupara com o povo.

No entanto, na sua opinião, sequestrar o príncipe Zachim não era uma maneira de resolver os velhos problemas. Sobretudo, quando era uma ofensa que se pagava com a prisão ou a morte.

- Como é que isto vai melhorar as coisas e trazer a paz? - inquiriu ela, apelando ao seu sentido racional.

O pai encolheu os ombros.

- O país não terá nenhuma oportunidade com ele no trono. É muito poderoso.

Sim, Farah ouvira dizer que o príncipe Zachim era poderoso. Também ouvira dizer que era muito bonito, o que as fotografias que vira publicadas na imprensa cor-de-rosa confirmavam. Embora não se preocupasse com o aspeto dele!

- E o que se passará agora? O que fará o conselho de Bakaan?

Pela primeira vez desde que Farah entrara, o pai mostrou-se inseguro. Levantou-se e começou a dar voltas pela tenda.

- Ainda não sabem.

- Não sabem? - repetiu ela, franzindo o sobrolho. - Como é possível que não saibam?

- Quando estiver pronto para revelar os meus planos, fá-lo-ei - afirmou o pai.

Isso significava que não tinha nenhum plano, adivinhou ela.

- Além disso, não é algo de que queira falar contigo. E porque estás assim vestida? Essas botas são de homem.

Farah bateu com o pé no tapete. Esquecera-se de que não tirara a roupa velha que usava para trabalhar com os camelos. Mas, iam falar da sua vestimenta quando tinham sequestrado o homem mais importante do país?

- Isso é o menos importante...

- Não é, se eu o disser. Sabes o que penso.

- Sim, mas penso que há coisas mais... urgentes para discutir, não achas?

- As cartas já estão lançadas. Não há mais nada para discutir.

Com um ar cansado, o velho chefe deixou-se cair nas almofadas.

- Pelo menos... Está bem? - quis saber ela, com o coração apertado, temendo que lhe tivessem batido. Isso só pioraria as coisas ainda mais.

- Para além de que o maldito homem se recusa a comer, sim.

- Sem dúvida, pensa que a comida foi envenenada.

- Se quisesse matá-lo, usaria a espada - declarou o pai.

- Talvez essa seja a solução - indicou Amir. - Matamo-lo e desfazemo-nos do corpo. Assim, ninguém poderá atribuir-nos a sua morte.

Farah lançou-lhe um olhar assassino.

- Não consigo acreditar que estejas a falar assim, Amir. Para além de ser uma barbaridade, se descobrissem no palácio, dizimariam a nossa aldeia.

- Ninguém descobriria.

- E ninguém vai morrer - assegurou ela, pondo as mãos na cintura. - Irei vê-lo.

- Não te aproximes dele, Farah! - ordenou o pai. - Tomar conta do prisioneiro é trabalho de homens.

Ela mordeu a língua para não responder que o pai não estava a fazê-lo muito bem se o prisioneiro se recusava a comer. Sem dizer nada, virou-se.

- Onde vais? - gritou Amir, num tom autoritário.

- Vou comer - indicou ela, tensa. - Parece-te bem?

- Gostaria de falar contigo.

Farah sabia que estava à espera de uma resposta sobre poder cortejá-la ou não, mas não estava de humor para enfrentar a sua reação quando se recusasse.

- Não tenho nada para te dizer por enquanto - informou ela.

- Espera por mim lá fora! - ordenou Amir, cerrando os dentes.

Ela sorriu para si. Nunca obedeceria às ordens dele!

Depressa, saiu da tenda. Lá fora, o vento sacudia o acampamento, mas o céu continuava limpo. Pelo menos, não parecia aproximar-se uma tempestade.

Decidiu não perder tempo a comer e dirigiu-se para a única tenda vigiada por guardas. Estava furiosa com o pai pelos seus atos e também estava furiosa com o príncipe, o filho do homem que devastara a sua vida para sempre ao ser o responsável indireto pela morte da mãe.

Mesmo assim, precisava de manter a calma para procurar uma maneira de tirar o pai daquela confusão antes de fazer algo ainda pior... como ouvir os conselhos de Amir.

Capítulo 3

Zachim retorceu as mãos e os pés atados com cordas. Doía-lhe o estômago de fome.

Normalmente, não era um homem fácil de zangar. Depois de três dias naquele buraco, nas mãos de uns selvagens da montanha, estava vermelho de raiva. E não era apenas por eles. Fora um estúpido por se afastar tanto da cidade sem dizer a ninguém para onde ia.

Esfregou as cordas dos pulsos contra a pequena pedra bicuda que escondera no colo. Apanhara-a do chão quando fingira cair ao ir à casa de banho no dia anterior. Como se recusara a comer, não lhe tinham revisto as cordas e, graças a isso, conseguira ir rasgando uma das cordas a pouco e pouco. Quando tivesse as mãos livres, seria mais fácil desatar os tornozelos e sair dali.

Apoiou a cabeça contra o poste sólido de madeira a que estava preso por uma corda à cintura. Permitia-lhe movimento suficiente para se deitar no chão poeirento, mas pouco mais. Sentia a falta da sua cama confortável no palácio! Era irónico, se pensasse que, há três dias, se sentira desesperado por sair dos seus muros.

Devia ter cuidado com o que desejava, recordou-se, com amargura.

Interrogou-se o que teria acontecido na sua ausência e como o irmão estaria a agir diante do seu desaparecimento. Também se questionou porque não ouvira nenhum helicóptero a sobrevoar a zona.

Fletindo os músculos duros, tentou ignorar a fome que o embargava. Estivera em situações piores durante o seu treino no exército, embora não desejasse que alguém passasse pelo que estava a passar naquele momento. Bom, talvez só Mohamed Hajjar e o seu ajudante pomposo que pensava que era mais importante do que um rei.

O som de passos na entrada da tenda fê-lo levantar a cabeça e esconder a pedra. Quando se abriu a porta, fingiu que estava a dormir, esperando que o deixassem a sós novamente o quanto antes.

Alerta, ouviu o som de passos a aproximar-se. Devia ser um soldado muito leve, pensou, um peso-pluma. Alguém que podia derrubar com facilidade, se fosse preciso. Além disso, pelo seu cheiro, parecia que estivera muito tempo com os camelos.

- Sei que não estás a dormir - declarou alguém, num tom suave e sensual.

Bolas, aquela voz não parecia a de um soldado, pensou, sentindo que o seu corpo reagia diante do estímulo. Devagar, Zachim abriu os olhos, vencido pela curiosidade. À frente dos seus olhos, elevava-se uma figura esbelta com calças de combate e uma túnica escura por cima de uns seios pequenos e intumescidos. Levantou o olhar para uma cara feminina que não sorria.

- E eu sei que não és um homem, embora uses roupas masculinas. Não sabia que Hajjar tinha mulheres entre os seus soldados.

- Quem eu sou não é importante.

Zachim observou-a com atenção. Era uma mulher de estatura pequena e bem proporcionada.

- Quero fazer um acordo contigo - declarou ela, depois de um longo silêncio.

«Um acordo?»

A raiva que Zachim sentira antes, momentaneamente eclipsada pela curiosidade, ressurgiu de repente.

- Não me interessa - indicou ele. Sabia que Nadir estaria à procura dele e, se não o resgatasse depressa, escaparia pelos seus próprios meios. Depois, faria Mohamed Hajjar pagar por o ter sequestrado.

- Ainda não ouviste o que te ofereço.

- Se querias chamar a minha atenção, devias ter vestido menos roupa - troçou ele, percorrendo-a com o olhar impassível. - Muito menos roupa. Possivelmente, nada, embora não tenha a certeza de que tenhas o que é preciso para despertar o meu interesse.

Era mentira, pois, por alguma razão, a estranha já despertara o seu interesse.

- O meu pai tem razão - replicou, indignada. - És um cão arrogante que não merece governar o nosso país.

- O teu pai?

Era Farah Hajjar? A filha de Mohamed? Ena, ena, que interessante, pensou Zachim, sorrindo ao ver como ela fazia uma careta, lamentando a sua precipitação impulsiva. O chefe dos seus captores enviara-a para o convencer com os seus encantos? Se era assim, ia ter uma deceção porque nunca gostara das mulheres de Bakaan. Preferia as loiras.

- Não pensei que o teu pai continuasse a considerar-se parte de Bakaan, é uma grata surpresa saber que é assim.

- Ele... - começou a dizer ela e fez uma pausa para se acalmar. - Se aceites que a nossa região se separe de Bakaan, deixar-te-ei ir.

- Vais deixar-me ir? - troçou ele, com uma gargalhada.

Farah respirou fundo.

- A tua família já submeteu o nosso povo durante demasiado tempo - queixou-se ela, olhando para ele nos olhos.

Isso não era algo que Zachim pudesse discutir. Não aprovava o modo como o pai governara Bakaan e até considerara a opção de se rebelar contra ele.

- Eu não fiz nada às pessoas de Bakaan - afirmou ele. De qualquer forma, não podia deixar que a sua região se

separasse do resto, porque as outras seguiriam o seu exemplo e o país acabaria desmembrado em pequenas tribos, incapazes de defender as reservas de petróleo sozinhas.

- Também não fizeste nada por eles - replicou ela. - Embora tenhas voltado para comandar o exército há cinco anos.

- E quando foi a última vez que o exército atacou a vossa tribo? - defendeu-se ele.

- Queres dizer que és o responsável pelo tempo de paz?

- Digo que, apesar de tudo o que dizes, foi o teu pai que semeou a semente da guerra com as suas ações. Não eu - indicou ele, vendo como a interlocutora empalidecia. - É algo que deves ter em conta, linda, antes de começares a fazer acusações ignorantes.

- Só achas que sou uma ignorante por ser mulher. Sei muito mais do que pensa, Alteza! - exclamou, pronunciando o seu título com todo o desprezo de que foi capaz.

- Uma mulher? Conheci doninhas que cheiravam melhor do que tu. Não penso que ganhasses nada a comercializar o cheiro. Não é nada atraente.

Lançou-lhe um olhar de ódio.

- Não tenho interesse em atrair-te.

Zachim quase se riu com o tom desafiante. Não conhecera nenhuma mulher que não tivesse querido parecer atraente. Bons genes, uma conta no banco considerável e o seu título real eram uma combinação irresistível para as fêmeas.

- Desata-me as mãos, pequena rebelde, e far-te-ei mudar de opinião - desafiou-a ele.

Cerrando os dentes diante do seu tom provocador, Farah estava prestes a dar uma resposta cortante quando a porta da tenda se abriu. O tenente de Al-Hajjar entrou com um prato de comida. O seu cheiro fez com que o estômago de Zachim se queixasse.

O recém-chegado ficou paralisado, obviamente surpreso ao ver a filha de Mohamed.

- O que estás a fazer aqui?

- Posso encarregar-me disto - declarou ela, com frieza.

- Não, não podes.

Ambos começaram uma discussão entre murmúrios, que Zachim observou com avidez. Era óbvio que a mulher mantinha algum tipo de relação pessoal com o soldado. E que o homem estava, por alguma razão, aborrecido.

Pensativo, o cativo fixou-se no rosto de Amir. Parecia não gostar do que a mulher lhe dizia, ainda que, ao mesmo tempo, não tivesse recursos para se impor. Que idiota. A única coisa que ela precisava era de um bom beijo para mudar de ideias.

«Um bom beijo?»

Zachim surpreendeu-se com a ideia absurda. Desde quando era aceitável que um homem beijasse uma mulher para a submeter? E quem ia querer beijar aquela jovem raivosa e fedorenta?

Farto de prestar atenção à sua discussão, levantou os joelhos e continuou a esfregar as cordas.

Depressa, a mulher ganhou a discussão e tirou o prato de comida das mãos do soldado. Tentando obter mais tempo, Zachim provocou-o, perguntando onde deixara a vara. O soldado ficou rígido. A mulher raivosa também.

Ela virou-se como um gato selvagem, com os olhos a mostrar fogo e gelo.

- Vamos, Farah.

Quando a mulher se virou para o outro homem, Zachim sentiu pena do pobre tipo.

- Só tenta provocar-te - indicou ela.

Não era estúpida, observou Zachim, com admiração.

- É perigoso - avisou o soldado.

- E está preso - indicou ela, com impaciência. - Algo que não tenho planos de mudar.

- Que planos tens?

Fascinado com a tensão que havia no ambiente, Zachim parou de tentar rasgar a corda. Percebeu que a pergunta tinha um significado mais profundo do que parecia. Obviamente, a rapariga também percebeu, porque franziu o sobrolho.

«Quer ir para a tua cama, linda, se é que ainda não estive lá», adivinhou Zachim, em silêncio.

- Dá-me cinco minutos para falar com ele - pediu ela, suspirando. - Encontrar-nos-emos na cantina.

Um pouco mais calmo, o soldado assentiu. Lançou um olhar assassino a Zachim antes de sair, enquanto Farah o via a ir-se embora com um ar pensativo.

- Tens problemas, gatinha? - perguntou Zachim, com descaramento.

- Cala-te. E não me chames assim.

- Pensei que querias que falasse.

Ela baixou o olhar para o prato que tinha na mão.

- O que quero é que comas.

- Não tenho fome - declarou, enquanto o barulho do seu estômago demonstrava o contrário.

- Qual é o sentido de morrer de fome?

- Que amável por te preocupares...

- Não me preocupo.

A sua atitude desrespeitosa começava a ser irritante para Zachim. Por um instante, desejou que ela se inclinasse à frente dele como prova de submissão.

- É melhor que o teu pai envie alguém com melhores dotes diplomáticos da próxima vez que quiser suplicar o meu perdão.

«Bolas», pensou Farah. No entanto, queria fazer com que aquele homem se inclinasse e se ajoelhasse à frente dela. Tanto que quase tirou a pequena adaga que tinha no bolso para o obrigar a fazê-lo. A atitude dele irritava-a.

Quanto ao seu olhar penetrante com brilhos dourados... Os seus olhos de leão diziam muito e nada ao mesmo tempo. Observava-a como se soubesse algo que ela ignorava. Com uma barba de três dias a sombrear-lhe o queixo, aqueles olhos davam-lhe um aspeto masculino e poderoso, apesar de estar preso ao chão. Fazia-a pensar numa cobra pronta para morder. Ou numa águia disposta a voar e despedaçar a sua presa. Usava uma camisa preta poeirenta que destacava os ombros largos e fortes, tal como as coxas que se adivinhavam por baixo das calças de ganga.

Farah vira as fotografias dele nas revistas e sabia que era muito atraente, mas, em carne e osso, era ainda mais impressionante. Embora isso não tivesse nada a ver com ela.

- Não vim para suplicar o teu perdão.

- Melhor - indicou, entrelaçando os seus olhares. - Porque, quando sair daqui, não tenciono perdoar.

Ela cerrou os dentes.

- Talvez precises de mais tempo para pensar em que situação te encontras - sugeriu ela, olhando para as cordas.

- Talvez.

O que tinha aquele homem que fazia com que não conseguisse parar de olhar para ele, interrogou-se Farah, irritada. Ficaram mais cinco minutos a entreolhar-se. Mas, no fim, ela rendeu-se. Aquilo não era um concurso.

- No entanto... - começou a dizer Farah e, de repente, reparou que ele apertava as mãos no regaço. Pensou que devia rever as cordas antes de se ir embora. A última coisa que queria era devolvê-lo ao palácio com chagas nos pulsos. - Não vais morrer enquanto eu estiver aqui.

- E eu que pensava que não tínhamos os mesmos planos - comentou ele, com um sorriso.

Era um homem perigoso, admitiu Farah, sentindo que todo o corpo se revolucionava ao vê-lo sorrir. A sua atitude serena, apesar de estar prisioneiro, demonstrava-o.

Decidida a não se deixar intimidar, baixou-se à frente do grande príncipe. Quando percebeu como ele a percorria com o olhar de cima a baixo, ficou paralisada, sem conseguir evitar que os mamilos endurecessem.

No meio de um silêncio tenso, apercebeu-se de que a respiração se tornara rápida e superficial e que sentia um formigueiro ardente por toda a pele. Não conseguia desviar o olhar dos lábios perfeitos do prisioneiro. E, possivelmente, ele apercebera-se, porque esboçou um ligeiro sorriso. Mais incomodada que nunca, deitou as costas para trás e pôs-lhe o prato à frente do nariz.

Zachim não olhou para o jantar. Os seus olhos continuaram fixos nos dela.

- Se queres assim tanto que coma, dá-me a comida à boca, gatinha selvagem.

«Gatinha selvagem?» O calor do seu tom não impediu que Farah se rebelasse. Mesmo preso e no chão, o príncipe ousava falar com um ar arrogante de superioridade.

- Não tenho nenhuma intenção de te dar de comer - avisou ela, furiosa.

- Bom, terei de me conformar com a fantasia - troçou, com um sorriso provocante.

Farah cerrou os dentes. Já deixara claro que não a considerava atraente, portanto, os seus comentários não podiam ser mais do que uma tentativa de se rir dela.

Por outro lado, no entanto, se alimentara camelos teimosos e poeirentos durante toda a sua vida, não podia haver muita diferença entre isso e alimentar aquele homem. De forma involuntária, pousou os olhos no seu corpo. Era difícil apreciar toda a magnificência do físico atraente naquela posição, embora a sua aura de poder e virilidade fosse inegável.

Depois, observou as suas mãos e a corda que o prendia pela cintura ao poste. Apesar da sensação de ameaça que lhe causava, não podia fazer-lhe nada enquanto estava amarrado daquela maneira, refletiu.